

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

Pedagogical letters as a tool for correspondence between researcher and educators in a public school

Ilda Renata da Silva Agliardi
Elisete Enir Bernardi Garcia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre-RS, Brasil

Resumo

Este texto é um recorte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A pesquisa ocorreu entre 2019 e 2021 e, investigou o processo de construção da proposta pedagógica de Educação Integral, de uma escola estadual do Litoral Norte do estado do Rio Grande do Sul. Uma das ferramentas metodológicas foram cartas, inspirada nas cartas pedagógicas de Paulo Freire, que também serviu de aporte teórico em conjunto com outros autores da teoria crítica, como Jaqueline Moll. Nestes escritos apresentamos que a partir dos dados produzidos, foi possível perceber as vozes dos sujeitos em suas cartas, suas memórias e experiências em relação a escola pesquisada, e que a perspectiva de mudança da proposta pedagógica é um processo que vem ocorrendo, sendo avaliado, refletido e problematizado. A escola segue o movimento de mudança, resignificando o seu fazer pedagógico. As cartas pedagógicas se mostraram um importante procedimento metodológico, de abertura ao diálogo.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas; Correspondência; Paulo Freire.

Abstract

This text is a part of the research developed in the Graduate Program of Professional Masters in Education, at the State University of Rio Grande do Sul (UERGS). The research took place between 2019 and 2021 and investigated the construction process of the pedagogical proposal of Integral Education, of a state school on the North Coast of the state of Rio Grande do Sul. One of the methodological tools were letters, inspired by Paulo Freire's pedagogical letters, which also served as a theoretical contribution together with other authors of critical theory, such as Jaqueline Moll. In these writings we present that from the data produced, it was possible to perceive the voices of the subjects in their letters, their memories and experiences in relation to the researched school, and that the perspective of changing the pedagogical proposal is a process that has been taking place, being evaluated, reflected and problematized. The school follows the change movement, re-signifying its pedagogical work. The pedagogical letters proved to be an important methodological procedure, opening up to dialogue.

Keywords: Pedagogical Letters; Correspondence; Paulo Freire.

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

1. Introdução

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, devo ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. (FREIRE, 1994, p. 22).

Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado, que buscou conhecer e compreender o processo de construção da proposta pedagógica de uma pública do estado do Rio Grande do Sul, no que tange à Educação Integral e considerando, também, os espaços da escola e para além dela – a comunidade. Para isso, em um primeiro momento, foi feita a leitura dos documentos da escola. Também, para conhecer as ideias, os educadores e o trabalho desenvolvido por eles, participamos das reuniões de formação que ocorreram com a escola e com os profissionais da UFRGS, com periodicidade mensal entre agosto e dezembro de 2019. Desses encontros, foram feitos registros em diários de campo, sobre o vivido, sobre o sentido e sobre o experienciado. Além da proposta da escola, no âmbito da Educação Integral, caminhamos pelo estado do conhecimento, buscando outros estudos já realizados sobre a temática. Vale ressaltar que essa busca tentou abarcar os trabalhos sobre Educação Integral desenvolvidos, utilizando um referencial crítico e que se aproxima do objetivo de reformulação da proposta pedagógica da escola.

Efetuamos a pesquisa pela perspectiva qualitativa, que de acordo com Zanetti (2017, p. 16), “[...] na investigação qualitativa, o objetivo é construir conhecimentos e não dar opiniões sobre um contexto”. Na forma de observação participante no *lócus* de estudo, quando conhecemos a escola no ano de 2019, anterior ao período da pandemia de Covid-19, uma doença infecciosa, altamente transmitida entre as pessoas, identificada pela primeira vez em dezembro de 2019, na China, que fez mais de 600 mil vítimas fatais no Brasil. De acordo com Gil (2010), através dessas observações e da inserção da pesquisadora no *lócus* de estudos, foi possível perceber outras relações que nem sempre são possíveis de serem observadas por meio das entrevistas.

Analizamos documentos, utilizando como método para produção de dados, os diários de campo, onde registramos nossas impressões, as fotografias, as falas dos educadores e da comunidade em conjunto com nossas observações do vivido, percebido e experienciado.

Através da análise de documentos, podemos observar os processos de desenvolvimento da sociedade. (CELLARD, 2008).

Também, realizamos entrevistas via *Google Meet*. O que vivenciamos nas reuniões de formação, na visita a escola e a partir das conversas com os professores, foi registrado em um diário de campo. Trivinos (1987, p. 154) explica essa ferramenta de pesquisa a partir de anotações de campo.

Além disso, aproximando o nosso referencial freireano com o caminho metodológico, nos lançamos ao desafio de trabalhar com cartas pedagógicas inspiradas no referencial de Paulo Freire, e assim decidimos alçar voos para as cartas pedagógicas, pois elas são possibilidades de comunicação e de diálogo, que foram uma maneira de envolver os educadores, educandos e comunidade, tentando assim dialogar, receber uma resposta e construir uma dissertação sobre a escola, sua forma de pensar e ensinar, e suas relações, de forma que os envolvidos tivessem protagonismo. E por fim, sistematizamos os dados produzidos pelo viés da sistematização de experiências proposta por Oscar Jara e de acordo com o autor, “Sistematizar experiências é um desafio político pedagógico pautado na relação dialógica e na busca da interpretação crítica dos processos vividos” (JARA HOLLIDAY, 2006, p. 7).

Em um primeiro momento, entregamos uma carta aos educadores, convidando-os a escreverem sobre a escola e sua relação com ela. Assim, a história da escola foi contada não apenas da perspectiva da pesquisadora, observando e lendo documentos, mas também, a partir das vivências dos educadores da escola pesquisada. Desta forma, essas cartas têm como objetivo ser uma forma de diálogo com os interlocutores e uma maneira de entrevistar os sujeitos envolvidos com a escola.

Cabe destacar que muito antes de serem utilizadas por Freire, as cartas eram veículos de informação para além da correspondência. De acordo com Camini (2012, p. 21), ao longo dos séculos, “[...] cartas foram escritas com diferentes propósitos, como o de informar grandes descobertas, declarar amor ou saudade, articular uma guerra, descrever lugares...” Mas, além de tudo, essa forma de se comunicar simboliza afeto.

Nesse texto apresentamos os dados produzidos e analisados, a partir das cartas pedagógicas como forma de correspondência entre pesquisadora e os educadores da escola *lócus* da pesquisa, no período entre 2019 e 2021.

2. Cartas pedagógicas como ferramentas de pesquisa

Compreendendo o processo de educação sempre em movimento, pela concepção dialética, compartilhamos as afirmações de Oscar Jara (2006, p. 47) sugerindo que

A origem das transformações encontra-se, assim, no interior dos próprios processos históricos, em cujo âmago começa uma relação de oposição recíproca entre aspectos ou polos contraditórios que, ao vincularem-se entre si, tendem a excluir-se mutuamente.

Ancoradas em Freire (1996), que vê o diálogo como dialético e dialógico, pois envolve a ética e a lógica na comunicação, tentamos, através de nossa pesquisa, contar a história da escola pesquisada, mostrando seus processos de reestruturação curricular, sua vontade de ser e de fazer diferente. Compreendemos que quem precisa estar presente nesse trabalho são os professores, os educadores da escola, contando-nos porque essa escola é diferente e como é trabalhar nela.

Com essa ideia, resolvemos em uma das reuniões de formação da escola distribuir uma carta solicitando a colaboração dos professores, para que nos ajudassem a escrever essa história. Foram entregues cartas para os professores na reunião, e também enviadas algumas cartas para os colegas que não estavam presentes e para os membros da comunidade que participam do dia a dia da escola. Ao todo, 25 cartas foram encaminhadas. A orientação foi que os participantes respondessem à carta para a próxima reunião, ou enviassem seus escritos por e-mail ou WhatsApp. Recebemos três cartas como resposta, por e-mail e WhatsApp.

No intuito de registrar e construir em conjunto com os professores a história e contextualização da escola, trazemos aqui recortes das cartas, a fim de analisá-las. A primeira carta recebida foi da Professora 1. Ela é uma das professoras mais antigas da escola e engajada nesse processo de reestruturação curricular. A mesma carta endereçada à autora desta pesquisa foi publicada, posteriormente, no jornal de circulação local em Três Cachoeiras. Dividimos o texto com as cartas recebidas antes e durante a pandemia de Covid-19.

Cabe destacar que, tanto a escola assinou o termo de autorização institucional, quanto os educadores assinaram os termos de livre consentimento e de assentimento para a realização e divulgação dos dados da pesquisa.

A Professora 1 conta que sua relação com a escola é de longa data. Mais precisamente, desde que iniciou sua vida escolar, aos 7 anos de idade, sendo que, de acordo com seu relato,

nesse período a escola era uma Brizoleta¹. De acordo com Moraes e Marinho (2017, p. 617), essas escolas foram criadas no projeto do então governador, Leonel De Moura Brizola, e tinham o lema “nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”. Para as autoras, “a Brizoleta é um reflexo de um pensamento, no qual se pode melhorar a sociedade por meio da educação”.

Seguindo a análise da carta, a Professora 1 segue rememorando sua trajetória escolar e as dificuldades de concluí-la:

Quando concluí a quinta série, precisaria me deslocar até ao centro de Três Cachoeiras, a fim de cursar os anos finais do ensino fundamental na escola Angelina Maggi. Naquela época, não havia transporte escolar, e nossos familiares precisavam custear as passagens de ônibus! Porém, era preciso concluir o ensino fundamental e foi o que aconteceu. (PROFESSORA 1, CARTA, 2019).

A professora recorda com carinho das educadoras que passaram em sua vida e que lhe incentivaram a seguir estudando. Então, a escola Baréa surge novamente em sua vida como espaço de trabalho:

Retornei para a Escola Baréa, como professora, em 1990, no período do governador Alceu Collares. Bons tempos! Nessa época, a Seduc lançou um material intitulado "Educação para Crescer". Foi aí que conheci a proposta metodológica denominada Estudos do meio e a prática da aula integrada! Ilda querida, eu me apaixonei por esse jeito gostoso de "dar aula", de "ensinar"! (PROFESSORA 1, CARTA, 2019).

O interessante é que essa forma de aprender e ensinar fez com que a Professora 1 se desse por conta, a partir de seus estudos e leituras, de “[...] que só entendemos os fatos, as ideias, as coisas quando estabelecemos relações, conexões, interações...”. Nas palavras de Freire (1993), educar consiste em um processo que não é isolado, mas num caminho de mão dupla, pois abrange o ensino-aprendizagem de todos os envolvidos. Ao relatar sua relação com a Escola Baréa, a professora destaca: “[...] desempenhei várias funções. Fui alfabetizadora, professora de quase todas as disciplinas (exceto matemática, dificuldade minha e de quase toda a população brasileira), diretora, vice-diretora e coordenadora pedagógica!” (PROFESSORA 1, CARTA, 2019).

Ao falar da escola, ela ressalta o orgulho em fazer parte de uma instituição de ensino que mantém laços e relações estreitas com a comunidade, desde o início, na época de sua fundação. Essa ideia nos remete a Freire (1996), quando ele afirma que a educação é política,

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

pois a função da escola não acaba na escola. A escola está a serviço da sociedade. Por isso, a politicidade da educação, pela possibilidade de transformação das realidades. Ela caracteriza a escola como espaço acolhedor e humano em suas ações.

Além disso, mantém uma relação muito consistente com a comunidade, a Associação de Moradores local e com a ONG Centro Ecológico, cuja sede se encontra em Dom Pedro de Alcântara, município vizinho. Juntas - Escola + comunidade+ Ong + Associação - já realizaram muitas coisas lindas relacionados à educação integral e ambiental! (PROFESSORA 1, CARTA, 2019).

A importância da relação entre escola e comunidade é algo discutido por muitos teóricos e educadores, pois de acordo com Costa (2012, p. 480),

Nessa articulação, os saberes formais passam a ganhar sentido ao serem experimentados no contexto cotidiano dos estudantes. As questões que fazem parte da realidade e do imaginário desses sujeitos são consideradas elementos indutores do currículo. Os saberes comunitários compõem trilhas de aprendizagem que conferem aos conhecimentos acadêmicos uma função, já que servem a questões reais dos sujeitos, superando a pasteurização do currículo escolar e o esvaziamento do lugar do conhecimento formal na vida dos estudantes.

A professora, em sua carta, aborda a importância da escola em sua vida e como sua história pessoal e profissional são indissociáveis. Destaca que ser docente nunca foi seu objetivo, mas que, no decorrer dos anos, se descobriu professora. “Sou totalmente entregue a uma profissão que assumi com felicidade e dedicação porque gosto muito de tudo isto! Gosto de descobrir e gosto de aprender e, nesse processo, experimento um pouco da vida na sua total plenitude!” (PROFESSORA 1, CARTA, 2019). Freire (1993, p. 30) destaca que ser professora “[...] envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil”.

Ao mesmo tempo em que se alegra e se emociona recordando tudo que viveu, ela se entristece com os caminhos políticos que nosso país e estado tomaram nos últimos anos. Para ela, o que vem se instaurando é uma política de retrocesso, que tenta anular projetos e ações emancipadoras e que

Está a invocar o velho e ultrapassado sistema da especialização com aulas e avaliações por disciplinas a partir do terceiro ano do ensino fundamental. Um estímulo à decoreba para provas e testes, um verdadeiro crime intelectual contra as tenras mentes criativas que estão a desabrochar! Um ensino completamente alheio à realidade e que desrespeita a possibilidade de currículos singulares e significativos em cada espaço! Uma coisa eu te garanto lida, não serei conivente! Não terão a minha colaboração, porque não costumo trair aquilo que amo! (PROFESSORA 1, CARTA, 2019).

O relato da Professora 1 é emocionante e cheio de sentimentos pela educação, pelo fazer docente e pela escola pública, que nos inspira a continuar na direção da mudança, da resistência. Freire (1993, p. 88) corrobora nesse sentido, afirmando que é “[...] preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos”. Jaqueline Moll (2019, p. 12) sustenta a ideia de que “A escola entendida como uma experiência de vida e não como uma preparação para a vida, seria a escola honesta para toda a sociedade, a que Darcy Ribeiro agregou a ideia de escola decente”. Outra carta recebida foi da Professora 2, docente na escola desde 2017, ano em que a Baréa passou adotar a Educação Integral. Ela, que leciona Ciências, destaca que:

Este chamado se deu em função de a escola ter conseguido alcançar uma grande conquista, o turno integral. Mas esta história começou bem antes, quando educadores e comunidade escolar, juntos perceberam a necessidade de se preparar melhor as crianças que ali estudavam para a vida, para o mundo e suas necessidades. Foi então que surgiu o sonho de se implantar a educação integral na Escola Baréa. Este projeto é bem mais abrangente que dispor de tempo integral para ensinar os alunos. (PROFESSORA 2, CARTA, 2019).

A professora aponta o clima diferente que percebeu ao chegar na escola: “a organização dos espaços, a forma dos alunos serem convidados a voltarem para suas salas, o clima alegre entre professores, enfim, me senti super acolhida”. Ela fala da importância do diálogo entre os colegas, para dar conta e conseguir realizar o projeto de Educação Integral tão almejado pela escola. Essas práticas buscavam não só o ensino, mas também são propostas que visavam não só “[...] um melhor aproveitamento do tempo na aquisição dos conhecimentos científicos, mas, igualmente, trabalham o currículo subjetivo, com observação dos valores escolhidos pelos alunos e educadores”. (PROFESSORA 2, CARTA, 2019).

Ela finaliza a carta descrevendo o quanto se sente feliz por ser e estar professora na Escola Baréa e ressalta que a sociedade só terá a resposta que espera a partir da “[...] ressignificação da escola, do currículo, e principalmente dos pensamentos em torno da educação. Sonho estar fazendo parte desta nova educação, que reconheça o aluno como protagonista de sua história”. (PROFESSORA 2, CARTA, 2019). Freire (1993, p. 157) nos alerta nesse sentido, afirmando que é “[...] bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela a transformação social também não se dá”.

A terceira e última carta recebida até fevereiro de 2020 (antes da pandemia) veio da Professora 3 que, segundo relato, trabalha na escola há mais de 15 anos, sendo que a escola

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

fica próxima de sua residência. Ela afirma ser impossível falar da escola sem relacioná-la à comunidade. Recorda que a escola trabalha com a temática de preservação ambiental porque o tema emergiu do contexto da comunidade.

A partir desse problema, a escola tomou para si uma preocupação que era de todos e trouxe para dentro das salas de aula diversas discussões e temas surgidos ao longo das SCAs, Semanas de Conscientização Ambiental. Por tudo isso, pode-se dizer que a história da escola se mistura e se funde com as preocupações de toda uma comunidade. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

Ela aponta para essas propostas como inovadoras, pois agrupavam os alunos de formas diferentes das tradicionais: “[...] em momentos determinados, formavam-se grupos por afinidade com o tema a ser pesquisado, independentemente da série em que estivessem”. Para ela, esses momentos podem ter impulsionado os professores a oferecerem mais atividades que envolvessem a pesquisa e a comunidade, “[...] com mais tempo na escola e que pudesse estar ainda mais ligada às pessoas que moram aqui, ajudando as famílias a oferecer um lugar mais seguro e com mais tempo para desenvolver as potencialidades das crianças” (PROFESSORA 3, CARTA, 2020). Freire (1996) destaca que o processo de ensino e aprendizagem inexistem sem a pesquisa. Quando fala da implantação da Educação Integral na escola, é importante ressaltar a reflexão que a professora faz:

Assim, com o incentivo e apoio de moradores e lideranças, em 11 de setembro de 2017, teve início a educação em tempo integral na nossa escola. Fiz questão de colocar a expressão “educação em tempo integral” porque iniciamos a caminhada oferecendo mais tempo, mas o caminho para a educação integral está sendo construído aos poucos. Claro que, a meu ver, toda educação é integral, afinal as pessoas são inteiras: inteiramente humanas, com sentimentos, angústias, com aprendizagens, com trocas o tempo todo. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

A Professora 3 lembra que esse tempo a mais na escola trouxe a necessidade de mais espaço. E essa necessidade foi e está sendo suprida com o auxílio da comunidade e dos espaços que ela oferta:

Atualmente, uma turma de alunos estuda na sede da Associação de Moradores, as crianças praticam esporte na quadra do ginásio, no campo de futebol, brincam na praça, fazem caminhada na rua.... Além disso, visitam espaços de trabalho, fazem entrevistas, recebem visita. É muito prazeroso ver e sentir a escola viva. E quando contamos por aí que estamos construindo um refeitório com doações, as pessoas costumam ficar surpresas. Eu considero uma forma de carinho e de valorização que muitos têm demonstrado pela escola, porque se

sentem pertencentes a ela orgânica e naturalmente. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

Uma das observações que a Professora 3 faz é que a construção do refeitório veio para suprir uma necessidade de espaço, mas que, ao mesmo tempo, tirou o espaço que a escola tinha de pátio ao ar livre, à sombra. “Antes tínhamos um espaço bastante acolhedor, com muitas árvores de sombra, frutíferas e uma horta. “_ [...] precisamos ter um ambiente externo convidativo também, e que seja naturalmente pedagógico, seguro, convidativo e que nos deixe feliz”. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

A professora aponta para o desafio que a proposta curricular da escola Baréa implica, no aprender pelo processo, na mudança de velhos hábitos. E faz uma comparação com a preparação de um prato na cozinha:

Claro que, assim como os alunos, nosso aprendizado também é diário e muitas vezes nos percebemos presos às antigas práticas...como uma pessoa que convida alguém para jantar em sua casa e prepara o prato antes. Acho que buscamos agora preparar o prato com o amigo e fazê-lo provar os ingredientes, dar o seu parecer, se deliciar com o resultado conjunto. Enfim, é difícil mudar hábitos, sejam eles sociais, culinários ou pedagógicos. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

A professora sinaliza que para haver mudança é preciso que ocorra um processo de resignificação. Fala do período em que trabalhou com oficinas que priorizavam a horta, o contato com a terra. É preciso parar e pensar o que faz sentido, o que realmente vai significar para os alunos.

Acho que para resignificar uma escola, primeiro a gente tem que se resignificar, buscar o que tem significado. Tem significado só ficar preso numa sala? Ou eu posso aprender pesquisando sobre um assunto, mexendo no pátio e fazendo algo com minhas próprias mãos? Tocando um instrumento, fazendo teatro, construindo cenário, aprendendo culinária? (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

Freire (1996) nos alerta para esse olhar mais aguçado para os espaços escolares que estão além da sala de aula, como espaços educadores, olhar esse que a professora salienta ser importante.

É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou de formação, seja negligenciado. Fala-se exclusivamente do ensino de conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, que não seja a atividade

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender (FREIRE, 1996, p. 43-44).

A professora 3 coloca esse processo de resignificar-se enquanto professor e enquanto escola, repensando o currículo, como uma caminhada que vai estar sempre em construção: “[...] por enquanto, meu desafio pessoal é poder contribuir da melhor forma para uma educação mais humana, mais feliz, tentando ultrapassar as minhas limitações, que são muitas”. (PROFESSORA 3, CARTA, 2020).

3. Correspondência com os educadores no tempo da pandemia de covid-19

No final do ano de 2020, após a qualificação do texto, como a pesquisa ainda estava em andamento, pensamos ser importante ouvir dos professores como havia sido este período pandêmico. Então, novamente solicitamos cartas que expressassem esse momento. Recebemos correspondência de duas professoras.

Uma das cartas que recebemos foi a da Professora 2, que trabalha na escola com as turmas de 1º ao 9º ano, como docente de Ciências. Ela já havia nos encaminhado uma carta, sobre o período anterior da pandemia. Por isso, nesta análise utilizamos a nomenclatura de “Professora 2 carta b”. Para ela,

O ano de 2020 foi marcado por medos, incertezas e grandes desafios a serem superados, mas foi também um ano de muita resiliência, luta e solidariedade. O novo coronavírus veio para nos dar um recado claro, de que a nossa relação com o planeta não está sendo sadia, sustentável, e que precisamos revê-la de forma urgente ou pereceremos. (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021).

Ela ressalta que a educação já é uma área que enfrenta muitos desafios e que no ano de 2020, as dificuldades foram ainda maiores. Os professores precisaram repensar sua forma de contato com os alunos.

A pandemia evidenciou ainda mais o abismo das desigualdades sociais em nosso país. Todos tivemos que lidar com os novos desafios, mas, especialmente esse ano, vimos a educação trilhar vias bem distintas. De um lado a escola privada, com professores e alunos equipados com toda a tecnologia necessária e tendo suporte para o bom andamento das aulas online. De outro, nossa escola pública, com toda a precariedade que já conhecemos, educadores despreparados por falta de investimentos e incentivos para a formação continuada, e alunos tendo que improvisar para ter acesso a plataforma de ensino. (PROFESSORA 2, CARTA b 2021).

Para a professora, o que ficou ainda mais claro neste período foi a relação da escola com a comunidade, pois, “_ [...] as famílias são formadas por adultos que precisam se ausentar o dia inteiro para trabalhar e, portanto, não dispunham de tempo livre o suficiente e de qualidade para oferecer a seus filhos na ajuda com atividades escolares” (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021). Ela ressalta o esforço da escola em manter vínculos com os alunos:

Por isso, para além das orientações dos órgãos competentes na esfera educacional, nossa instituição manteve a preocupação com seu objetivo maior, a educação integral dos indivíduos. Nos esforçamos ao máximo para manter o vínculo com nossos educandos, acolhendo a todos nas formas possíveis, por meio de atendimentos online, via WhatsApp, individuais, presenciais (quando possível e tomando todos os cuidados com a saúde) e também no envio materiais impressos. (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021).

Ela ressalta que no período de pandemia a escola trabalhou com um projeto, envolvendo os professores no coletivo. E as atividades buscaram fazer com que os alunos refletissem sobre suas atitudes no mundo,

O projeto contribuiu para o desenvolvimento de uma visão crítica e sistêmica sobre o contexto da pandemia. Desde o surgimento da covid, como ela nos afetou física e emocionalmente, a relações da mesma com a crise climática que estamos enfrentando, até as consequências que teremos de enfrentar ainda. (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021).

Essa professora destaca que, além das atividades propostas, a acolhida foi primada pela escola e pelos professores.

Além das atividades curriculares procuramos oferecer a todos, e sempre que possível, momentos de acolhimento, escuta e reflexão acerca dos sentimentos vivenciados por todos nós, neste ano atípico. Em algumas turmas realizamos dinâmicas com rodas de conversas pelo meet, gincanas, e outros momentos descontraídos com o intuito de aliviar as tensões do momento (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021).

Também, neste período a união dos professores foi importante, tanto para planejar as atividades, quanto pela questão psicológica.

Mesmo com todas as dificuldades, nos mantivemos unidos. Em nossas reuniões semanais, por meio de web conferências, nós educadores da Escola Baréa, estudamos formas de nos adaptar, trocamos experiências, e principalmente, nos colocamos a disposição uns dos outros, nos ajudando mutuamente e psicologicamente para seguirmos firmes nesse ideal maior que é oferecer uma educação humana e transformadora para nossos alunos (PROFESSORA 2, CARTA b, 2021).

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

Outra carta recebida foi da Professora 4, que atua na escola desde 2017, mas que tem uma relação de longa data com ela, uma vez que foi na escola Baréa “[...] que concluí meu ensino fundamental, onde fiz meu estágio do Magistério, depois o da Graduação e onde meu filho estudou até o 9º ano” (PPROFESSORA 4, 2021). Ela afirma ter um apreço especial pela escola.

Nela cada criança é respeitada na sua individualidade, com suas habilidades e limitações. Nesta escola todos participam, seja na tomada de decisão, na resolução de um problema, na organização e execução de um evento... pais, alunos, educadores, se sentem parte e responsáveis por ela. (PROFESSORA 4, 2021).

Ela diz que neste período pandêmico a escola precisou se adaptar em relação a sua ressignificação. Foi um ano desafiador que para ela teve maior impacto nos anos iniciais, em período de alfabetização.

Como professora alfabetizadora, digo que fiz o possível para tornar este momento mais leve e menos danoso aos alunos. Por estarem chegando na escola este ano, ou seja, vindo da educação infantil, dei prioridade a manutenção do vínculo, para que eles não se sentissem sozinhos do “outro lado”. (PROFESSORA 4, 2021).

Ela afirma que as famílias se esforçaram para auxiliar seus filhos, para se inteirarem com o uso das tecnologias e foram fundamentais nesse período.

Tínhamos famílias sem aparelho, sem acesso à internet e muitas delas sem condições financeiras nem emocionais para atuarem junto a seus filhos. Ao final do ano letivo, tivemos um percentual de turma acima de 85% de atividades que retornaram dos alunos. Porém, com relação à aprendizagem ficarei devendo uma devolutiva. A meu ver, não se faz educação nem avaliação distante dos alunos! (PROFESSORA 4, 2021).

A professora 4 destaca que educação é feita na presença. Há conteúdos, atitudes e valores que são trabalhados no coletivo de sala de aula, que buscam desenvolver a autonomia, e que não são possíveis de serem trabalhados na distância. Ela segue afirmando:

Da mesma forma, a alfabetização não acontece de forma natural, espontânea, sem estímulo externo. Muito pelo contrário, ela se dá na interação da criança com a língua escrita - na troca com os colegas, no levantamento de hipóteses, na escuta atenta aos sons da fala, no confronto de pensamentos. Na escola, essa ação é potencializada com a intervenção intencional do professor que a faz pensar sobre sua hipótese de escrita, desacomodando-a e favorecendo seu avanço na aprendizagem da língua. (PROFESSORA 4, 2021).

Ela ressalta o quão difícil é alfabetizar, pois, a alfabetização não consiste apenas em decodificar códigos, ou em reproduzir letras, mas em um processo individual, que ocorre no coletivo (SOARES, 2015) e também destaca o trabalho com projeto interdisciplinar no período da pandemia.

Os 20 anos da Carta da Terra foi celebrado por toda a Escola, inclusive participamos do Festival Internacional da Carta da Terra para crianças, momento lindo e mágico. As crianças que ingressaram este ano, conheceram os valores da Escola Baréa por meio de contações de histórias e de atividades que as envolveram na prática dessas ações.

Sempre levamos em consideração que nossas crianças estavam num ambiente totalmente diferente do ambiente escolar, e muitas vezes inadequado para a realização das atividades. Contudo, sou otimista e penso que um efeito positivo trazido pela pandemia pode ser a aproximação das famílias ao processo de aprendizagem de seus filhos. (PROFESSORA 4, 2021).

Moll (2019) destaca a falta de valorização docente, e a necessidade de a escola trazer a comunidade para perto, na tentativa de primar pelo estudo em relação ao trabalho para a ajuda no sustento do lar. Para ela, não há como avançar se toda a população não for incluída em processos educativos, escolares ou não escolares. De formação profissional ou para a vida, o futuro do país é tecido no cotidiano de nossas escolas.

4. Considerações Finais

Ao desenvolver o texto dissertativo, nos filiamos à perspectiva freireana, da denúncia e do anúncio. Para sinalizar a proposta de educação, que está sendo construída em comunidade e resiste em meio a tantas lutas e retrocessos, precisa ser anunciada, difundida e propagada, servir de exemplo, para mostrar que, como diria Freire (1996), sim, é possível mudar! Jaqueline Moll (2019, p. 11) aponta que “Em uma escola de tempo completo e de espaços ampliados faz-se necessária uma ambiência pedagógica que rompa com o modus operandi tradicional da escola brasileira”.

A correspondência que tivemos com os educadores da Escola Baréa, tanto no período anterior à pandemia, quanto durante o momento pandêmico que vivemos, nos trouxe relatos de professoras que acreditam na proposta da escola e que constroem juntas, no dia a dia, o currículo que contempla os sujeitos e os contextos envolvidos em uma relação dialógica com toda a comunidade. Jaqueline Moll (2019, p.1) ressalta a importância da escola pública

A escola pública, em contextos sociais e desiguais como o brasileiro, configura-se como um espaço, que pode produzir oportunidades, que façam frente as adversidades vividas em cotidianos atravessados por carências e exclusões. Claro está que a escola não resolve as questões estruturais geradoras das desigualdades,

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

relacionadas ao acesso à terra, ao trabalho e a renda, mas seguramente pode oferecer aos filhos das camadas pobres, acesso a saberes e experiências que podem desestabilizar a rigidez de uma estrutura certamente intransponível, sem as etapas da escolaridade, básica e superior.

Nosso contato com nossos interlocutores resultou na apresentação das dimensões educativas que emergiram do nosso olhar, da escuta e do diálogo, bem como na correspondência que tivemos com os educadores da escola pelas cartas, inspiradas nas cartas pedagógicas de Paulo Freire. Esse contato com os interlocutores, além de trazer a potencialidade de suas falas, também mostrou os desafios que surgem nesse caminhar. Eles são muitos e são diários. Desde desafios estruturais, financeiros, tecnológicos, até a falta de engajamento de alguns colegas professores, com a proposta da escola. Moll (2012) nos aponta na direção da comunidade educadora. Da comunidade não como extensão da escola, mas como sendo a própria escola.

Baixar os muros da escola é colocá-la em diálogo com o que está em seu entorno em termos de políticas públicas, equipamentos públicos, atores sociais, saberes e práticas culturais e dinamizar as relações escola/comunidade, comunidade/escola, professores/agentes culturais, agentes culturais/professores, políticas educacionais/políticas sociais, entre outras. (MOLL, 2012, p. 142).

Na caminhada em busca dos materiais de pesquisa, nos deparamos com muitas possibilidades. Em um primeiro momento, a participação nas reuniões de formação da escola junto à universidade, no final de 2019, nos possibilitou compreender mais sobre nosso lócus de estudo. Também, fizemos a leitura dos documentos como o Projeto Político Pedagógico da escola, seu regimento e os autores que norteiam a sua proposta pedagógica. Então, 2020 chegou e com ele a pandemia da Covid-19. Já tínhamos escolhido as cartas pedagógicas como instrumento da nossa pesquisa, e elas se mostraram, nesse período difícil para as pesquisas, como uma poderosa ferramenta de diálogo. Trocamos cartas com quatro professoras da escola Baréa. Elas nos contaram sobre sua relação com a escola e sobre sua participação nesse movimento de mudança. Essas cartas estão descritas no texto como Professora 1, Professora 2a, Professora 2b, Professora 3 e Professora 4.

O diálogo com nossos interlocutores nos mostrou como a proposta da escola Baréa já tem um processo longo de lutas, de mudanças, e também, como a comunidade se envolve e auxilia a escola nos mais diversos sentidos. É uma caminhada que ainda tem muito chão pela frente, mas que certamente, pelos dados levantados não é solitária. Os relatos são de professoras que acreditam na proposta da escola e que constroem juntas, no dia a dia, o

currículo que contempla os sujeitos e os contextos envolvidos em uma relação dialógica com toda a comunidade.

Assim, nossa pesquisa teve como objeto uma escola. Uma escola é feita na ação de homens, mulheres, famílias, professores, alunos e a comunidade. Está inserida em contexto. Carrega sonhos, desejos, esperanças de uma mudança que seja significativa para os sujeitos envolvidos. Nosso estudo, ao ser desenvolvido sobre a história da escola Baréa, nos mostrou que, sim, é possível fazer diferente, ser exemplo e esperança para tantas outras escolas que querem mudar. Ao mesmo tempo em que sistematizamos as experiências do nosso objeto de estudo, a escola também fez esse exercício, e as pessoas envolvidas foram as protagonistas. Segundo Jara (2018), sistematizar experiências consiste em um processo coletivo, mas também individual, de reflexão sobre o que já foi vivido, de forma ordenada, possibilitando um olhar crítico, que irá resultar em novos conhecimentos e experiências futuras.

Freire escreve em forma de cartas na intenção de dialogar com as pessoas e Camini (2012, p. 70) afirma que “[...] ao nosso ver, uma carta só terá cunho pedagógico se seu conteúdo conseguir interagir com o ser humano, comunicar o humano de si para o humano do outro, provocando este diálogo pedagógico”. As cartas pedagógicas foram uma ferramenta importante de diálogo na produção de dados desta pesquisa, porém, percebemos que esse instrumento metodológico não é tão difundido no meio acadêmico. Esperamos que nosso texto ajude a difundir o uso das cartas pedagógicas como referencial metodológico nas pesquisas, uma vez que cartas registram histórias, memórias, experiências, envolvem intencionalidades e sentimentos. São uma forma de diálogo no sentido freireano, que entende a comunicação como uma troca com o outro, que envolve a fala, a escuta e a reflexão.

Referências:

AGLIARDI, Ilda Renata da Silva. GARCIA, Elisete Enir Bernardi. **Comunidade Educadora: A proposta de Educação Integral da Escola Bárea**. 2021. 165f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional (PPGED-MP), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Osório, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2163>>. Acesso em: jul. 2023.

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

- AGUIAR, Gislaine Cardoso. **Carta pedagógica para pesquisa**. Três Cachoeiras/Rio Grande do Sul, Brasil, 2021.
- ANDRADE, Sandra Sebastião de. **Carta Pedagógica para pesquisa**. Três Cachoeiras/Rio Grande do Sul, Brasil, 2020.
- BEHENCK, Eliane Pereira. **Carta Pedagógica para pesquisa**. Três Cachoeiras/Rio Grande do Sul, Brasil, 2020.
- BEHENCK, Eliane Pereira. **Carta Pedagógica para pesquisa**. Três Cachoeiras/Rio Grande do Sul, Brasil, 2021.
- BITTENCOURT, Adriane Lipert. **Carta Pedagógica para pesquisa**. Três Cachoeiras/Rio Grande do Sul, Brasil, 2020.
- CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: Aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 295-316.
- COSTA, Natacha Gonçalves da. Comunidades educativas. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direitos a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina: Reflexões sobre a minha Vida e a Minha Práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: paz e Terra, 1993.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- JARA HOLLIDAY, Oscar. **Para sistematizar experiências**. Tradução: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.
- JARA HOLLIDAY, Oscar. **La sistematización de experiencias: Práctica y teoría para otros mundos políticos**. 1. ed. Bogotá: Centro Internacional de Educación y Desarrollo Humano - CINDE, 2018.
- MOLL, Jaqueline. (Org.). **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direitos a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOLL, Jaqueline. A perspectiva da educação integral e a escola comum para a população brasileira. In: SANTOS, Fernanda Marsaro dos; PINA, Kleber Vieira. (org.). **A Escola Pública de que Precisamos: Novas Perspectivas Para Estudantes e Professores**. 2019. p. 393-418.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1qLB8FOpAy1hXBLa8wfKM1QXuqgp3WfsM/view>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MORAES, Letícia Baldasso. MARINHO, Alcyane. Brizoletas: um passeio pela memória, patrimônio cultural e educação. **Revista Educação**, Santa Maria v. 42, n. 3 p. 615-628. set./dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/27356/pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em:

https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em 10 dez., 2021.

ZANETTI, Marcos Suel. **Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil**. Educar em Revista, n. 65, p. 149–166, jul./set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149>. Acesso em: 26 out. 2020.

Notas

ⁱ Mais informações disponíveis em:

<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/27356/pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

Sobre as autoras

Ilda Renata da Silva Agliardi

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Cenecista de Osório - UNICNEC (2016). Especialista em Educação Básica Profissional pelo IFRS/Osório (2018). É Mestre em Educação pela UERGS/Osório (2021). Doutoranda PPGECi/UFRGS. É professora na rede municipal de Capão da Canoa (RS). Suas pesquisas tem ênfase nos espaços não escolares de educação, na alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental e na Educação Integral. Uma das curadoras do Café com Paulo Freire Litoral Norte (RS). E-mail: ilda-agliardi@uergs.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7748-1426>

Elisete Enir Bernardi Garcia

Graduada em Pedagogia (1996). Especialista em Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA/UFRGS (2007) e Mestre em Educação pela UNISINOS (2005). Doutora em educação (2011) pela UNISINOS. Seus estudos centram-se na formação de professores, currículo, juventudes, gestão escolar, políticas educacionais, saberes/práticas, educação básica, especialmente nas questões que tangem a EJA e Educação do Campo. Professora na UFRGS, Campus Litoral norte, Coordenadora do

As cartas pedagógicas como ferramenta de correspondência entre pesquisadora e educadores de uma escola pública

GIPEJA. Uma das curadoras do Café com Paulo Freire Litoral Norte (RS). E-mail: elisete.bernardi@ufrgs.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1211-3059>

Recebido em: 18/06/2023

Aceito para publicação em: 09/07/2023